

ESFERAS PÚBLICA E PRIVADA E SUAS DIFERENTES MARCAS DISCURSIVAS NAS CARTAS À REDAÇÃO ¹

Cristina Teixeira Vieira de MELO

RESUMO *Após analisarmos um corpus de 293 CARTAS À REDAÇÃO publicadas nos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo e Jornal do Brasil sobre três importantes fatos ocorridos no ano de 1995 no Brasil, percebemos que efeito (ou não) de subjetividade e de heterogeneidade podem ser considerados marcas enunciativas que caracterizam o domínio do público e do privado.*

RÉSUMÉ *Après avoir analysé un corpus de 293 LETTRES À LA RÉDACTION, publiées dans les journaux O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo e Jornal do Brasil concernant trois faits importants survenus en 1995 au Brésil, nous avons vérifié que l'effet (ou non) de subjectivité et d'hétérogénéité peuvent être considérés des marques énonciatives qui caractérisent le domaine du public et du privé.*

INTRODUÇÃO

Este artigo volta sua atenção para um gênero discursivo ainda pouco estudado pelas áreas de Comunicação e Linguística: a CARTA À REDAÇÃO ou CARTA DE LEITOR, seção fixa de jornais e revistas reservada à correspondência dos leitores. Como nesta seção os leitores tratam dos mais variados assuntos, uma maneira de unificar o *corpus* foi delimitar temas, fatos jornalísticos específicos em torno dos quais foi feita a coleta de dados. Assim, as cartas aqui analisadas estão divididas em três grupos temáticos, que correspondem a três assuntos bastante focalizados pela imprensa nacional no ano de 1995: greve dos petroleiros, tese sobre a possível homossexualidade de Zumbi dos Palmares, agressão à imagem de Nossa Senhora Aparecida.

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado, intitulada “A carta de leitor, uma abordagem discursiva”, apresentada ao Curso de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, no dia 30 de março de 1999, sob orientação do Prof. Dr. Sírio Possenti.

Para integrar a pesquisa, foram escolhidos os quatro jornais de maior circulação nacional: *O Estado de São Paulo* (OESP), *Folha de São Paulo* (FSP), *O Globo* (GLO) e *Jornal do Brasil* (JB).

O período de tempo estipulado para pesquisa das cartas nos jornais estendeu-se aos três meses subseqüentes a cada um dos fatos que originaram as manifestações. Ao final, tínhamos um total de 293 cartas, que constituem o *corpus* ampliado do trabalho. Diante de um arquivo composto de 293 cartas, compreende-se que não foi possível analisar minuciosamente cada uma delas. Portanto, trabalhamos com dois tipos de *corpus*, um ampliado e outro restrito. O *corpus* ampliado, inicialmente dividido por temas (greve dos petroleiros, hipótese sobre homossexualidade de Zumbi e chute na santa), foi sendo reagrupado levando-se em consideração diferentes categorias de análise. A partir dessas re-categorizações fomos selecionando o *corpus* restrito, sobre o qual recai a análise mais detalhada das cartas, de caráter qualitativo e interpretativo.

METODOLOGIA

O primeiro recorte metodológico levou em consideração os **atos de fala** básicos. O segundo tomou por base o conceito de **formação discursiva** (Foucault, 1969). Seguindo este conceito, as cartas do nosso *corpus* estão agrupadas da seguinte forma: cartas contra ou a favor a greve dos petroleiros, contra ou a favor a tese sobre a possível homossexualidade de Zumbi, contra ou a favor a discriminação de grupos minoritários, contra ou a favor ao culto de imagens religiosas etc. Após a classificação das cartas em formações discursivas (FDs) distintas, voltamos a atenção para o aspecto argumentativo, sublinhando qual o argumento base presente em cada uma das FDs (**topoi discursivo**), para em seguida perceber como os diferentes argumentos mesclavam-se nos textos, formando uma **cadeia argumentativa**. Em um outro momento, procuramos também esclarecer a maneira como a **heterogeneidade discursiva** se manifestava nas cartas para, a partir daí, classificá-las como predominantemente **monofônicas** ou **polifônicas**.

Vale lembrar que, a correspondência jornalística aqui estudada diz respeito a temas polêmicos que suscitaram grandes discussões na imprensa e levaram pessoas a manifestarem publicamente suas opiniões nas cartas à redação. Antes de prosseguirmos na exposição, faz-se necessário esclarecer o contexto histórico-social dentro do qual cada uma dessas polêmicas se formou e tomou corpo:

1) Em 1995, durante o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso, os petroleiros entraram em greve reivindicando o cumprimento de um acordo de reposição salarial assinado pelo presidente anterior, Itamar Franco, de quem Fernando Henrique havia sido ministro da Fazenda.

À época da greve, o governo de FHC havia enviado ao Congresso Nacional um projeto de lei que tinha por objetivo abrir a outras empresas, nacionais e estrangeiras, a atividade de exploração de petróleo no Brasil - até então monopólio da Petrobrás. Diante deste quadro, a greve dos petroleiros deixou de ter caráter meramente salarial e adquiriu um caráter político, especificamente, de defesa do monopólio do petróleo. Isto é, o projeto do governo fez voltar à cena o antigo debate entre privatistas e não-privatistas. Recolocou-se em pauta a questão do monopólio estatal e, associadas a ela, outras questões como entreguismo e corporativismo. Enquanto os não-privatistas defendiam o monopólio do petróleo e acusavam os privatistas de entregar o petróleo ao capital estrangeiro, estes últimos lutavam pela privatização da Petrobrás e atacavam os petroleiros, acusando-os de corporativismo e de estarem agindo em defesa de seus privilégios. Estabeleceu-se, assim, um jogo de interesses políticos entre esses dois grupos que passaram a discutir idéias divergentes entre si. Portanto, no caso da greve dos petroleiros, a discussão dizia respeito não apenas a reivindicações salariais de classe, mas, em especial, à questão do monopólio do petróleo.

2) Em maio de 1995, o antropólogo Luiz Mott escreveu um artigo afirmando que Zumbi dos Palmares, o herói dos quilombos, teria sido homossexual. Zumbi é um dos símbolos da resistência negra. A tese de Mott abriria aos homossexuais a possibilidade de também elegerem Zumbi como símbolo na luta contra o preconceito que sofrem, mas alguns membros de entidades de militância negra não aceitaram pacificamente esta idéia. Para eles, a tese de Mott soou como um insulto e deu início a uma briga acirrada entre negros e homossexuais.

Vale frisar que o artigo de Mott foi publicado no período em que o movimento negro se preparava para comemorar os 300 anos do fim do Quilombo dos Palmares. Ao publicar em mídia nacional - e justamente naquela data - a tese sobre a homossexualidade de Zumbi, o objetivo do antropólogo era chamar atenção para a discriminação que os homossexuais sofrem no Brasil.

A disputa criada em torno de Zumbi teve uma natureza essencialmente simbólica. Estava em pauta um problema de identidade e de auto-afirmação de grupos minoritários. Como negros e homossexuais são freqüentemente discriminados na e pela sociedade, buscam, cada vez mais, conquistar, manter e ampliar seu espaço social, muitas vezes elegendo personagens símbolos. No caso de Zumbi, mesmo sendo ele detentor, ao menos supostamente, das duas características, negro e homossexual, na opinião de movimentos negros, apenas uma delas deveria aparecer como representação de sua imagem.

3) O terceiro tema diz respeito a um confronto ocorrido, também no ano de 1995, entre católicos e pentecostais. No dia 12 de outubro daquele ano, durante um programa de televisão exibido pela TV Record, de propriedade do bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo Sérgio von Helde, da mesma

igreja, qualificou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida de “boneco tão feio, tão horrível, tão desgraçado”, enquanto batia na imagem da santa. Tal atitude provocou uma reação em cadeia por parte da comunidade católica. O discurso contra von Helde uniu católicos tradicionalistas e progressistas, que obtiveram também o apoio da mídia e o de membros de outras religiões - incluindo a maioria dos grupos evangélicos -, além de dividir as opiniões dentro da própria Igreja Universal.

Após o “chute na santa”, como ficou conhecido o episódio, a Igreja Católica mobilizou a opinião pública contra a Igreja Universal, pedindo ao Governo que cancelasse a concessão da Rede Record, de propriedade do bispo Edir Macedo, fundador da Universal.

A Rede Globo de Televisão tornou-se agente importante no confronto entre católicos e pentecostais, até porque não passava despercebido da Globo o crescimento da audiência da Rede Record, ameaçando um mercado até então dominado tranqüilamente pela Globo. O episódio do chute na santa só veio acirrar a briga entre católicos e pentecostais e entre a Globo e a Record. Os conflitos entre Igreja Católica, Igreja Universal, TV Globo e TV Record envolvem interesses religiosos e comerciais fortemente imbricados.

Como se vê, os temas abordados nas cartas apontam para situações de conflito entre grupos sociais distintos: privatistas x não-privatistas, negros x homossexuais, católicos x evangélicos. Nas cartas, além de se definirem como pertencentes a determinado grupo, os leitores procuram legitimar o seu poder através de atos de fala básicos.

Os principais atos de fala presentes nas cartas sobre a greve incluíam a defesa ou o ataque ao monopólio. Nas cartas sobre a possível homossexualidade de Zumbi, a prioridade dos leitores não foi discutir a validade da tese de Mott, mas condenar a reação da comunidade negra e combater o(s) preconceito(s) presente(s) na sociedade. Colocou-se também em pauta a questão da liberdade de expressão. Alegava-se que, antes de discutir a veracidade da tese de Mott, devir-lhe-ia ser assegurado o direito de emitir suas opiniões. No caso do chute na santa, os leitores escreveram para denunciar/condenar a agressão de von Helde e, paralelamente, para defender suas crenças religiosas. Grande parte escreveu para lembrar que, no Brasil, a liberdade religiosa é um direito garantido por lei.

Observamos que o jogo e a disputa, que se estabeleceram entre os diferentes grupos através das cartas, envolviam necessariamente a construção de uma imagem de si e do outro que incorpora representações sociais.

Os quadros apresentados a seguir resumem cada uma das situações discursivas estudadas em categorias distintas, facilitando a visualização dos problemas:

Quadro 01 - Natureza do debate

Greve dos petroleiros	Homossexualidade de Zumbi	Chute na santa
Política	Sexualidade	Religião
Esfera sócio-histórica	Esfera sócio-cultural	Esfera religiosa
Luta político-social de grupos políticos	Luta político-social de minorias	Luta sócio-cultural de grupos religiosos
Discussão pública de assunto público	Discussão pública de assunto privado, íntimo	Discussão pública de assunto pessoal

Quadro 02 - Valores em discussão

Greve dos petroleiros	Homossexualidade de Zumbi	Chute na santa
Patrimônio público de interesse do cidadão	Preferências individuais	Fé
Ideais, ideologias, argumentos	Identidades	Crenças, valores
Busca a adesão, a persuasão, o convencimento	Busca a (auto)afirmação, a conquista de um lugar para o sujeito	Busca o respeito às crenças, à liberdade religiosa

Quadro 03 - Situações conflituosas criadas

Greve dos petroleiros	Homossexualidade de Zumbi	Chute na santa
Grupos políticos	Grupos minoritários	Grupos Religiosos
Privatistas X Não-privatistas	Negros X Homossexuais	Católicos X Evangélicos
Ação, Combate	Auto-afirmação	Reação, defesa
Defesa X Ataque	Afirmação /Identificação	Agressão X Denúncia

Ao emprendermos uma análise discursiva dessas cartas, buscamos identificar quais os mecanismos lingüísticos e discursivos que cada grupo usou para definir sua identidade e a dos demais, o que se fez analisando a forma como os leitores se apresentavam nas cartas; como se mostravam ou se escondiam; a partir de que lugar falavam; qual era a imagem que tinham de seu lugar e do lugar do outro; quais eram as diferentes esferas de apresentação do “eu”. Ou seja, procuramos examinar, sob o aspecto discursivo, o problema da constituição e expressão do sujeito, como o indivíduo se percebia como unidade diferenciada ao lado de outros com os quais partilhava o mesmo espaço social de confrontos e coerções. Em suma: analisamos os

modos como os leitores se posicionavam, se expressavam e se representavam nas cartas, e como se estabeleceram as relações sociais neste espaço discursivo.

HIPÓTESE

Cada um dos temas aqui analisados: greve dos petroleiros, possível homossexualidade de Zumbi e chute na santa diz respeito a um espaço discursivo distinto, respectivamente, política, sexualidade e religião. Política é um assunto tradicionalmente considerado do domínio da esfera pública, enquanto religião e sexualidade estão associadas, de maneira geral, ao domínio da esfera privada. No entanto, classificar determinado fato como público ou privado não é tarefa simples. Estas não são noções estanques, mas comportam escalas, subdivisões. Muitos fatos ou acontecimentos de caráter privado, íntimo, pessoal podem usualmente ganhar publicidade. Da mesma forma, questões de interesse público podem ser tratadas como de interesse privado. Mesmo sabendo das dificuldades em classificar os temas como públicos ou privados, são essas noções, e suas subdivisões, que norteiam a análise feita aqui.

A partir das noções de público e privado, levantamos a hipótese de que cada tipo de discurso apresentaria marcas textuais próprias, ou seja, *discursos que abordam temas de caráter público teriam características “x”, diferenciando-se de discursos que abordam temas de caráter privado que, por sua vez, teriam características textuais “y”*. Tentamos verificar se isso realmente ocorria e como as características se materializavam nas cartas.

ANÁLISE

Após a análise dos dados, identificamos importantes mecanismos lingüísticos e discursivos que cada grupo usou para definir sua identidade e a dos demais, e percebemos que existem, nas cartas, algumas diferenças, marcadas lingüística ou textualmente, quando se trata de assuntos da esfera pública ou da esfera privada.

No caso da greve, embora cada um dos dois grupos rivais tivesse interesses particulares na questão do monopólio, um querendo mantê-lo e o outro acabá-lo, nenhum deles assumia publicamente, de maneira clara, quais eram os **seus** interesses, a **sua** opinião, o **seu** ponto de vista. Falavam em nome de uma coletividade, do povo, da população. Diziam defender o que era o melhor para o país e, para isso precisavam do apoio do povo. Buscavam, portanto, a adesão do outro à sua causa. Supostamente, com argumentos objetivos.

Para conseguir este efeito de persuasão, usaram uma estratégia argumentativa que imaginavam eficaz, cujo efeito é de “objetividade”: imprimiram ao texto um tom impessoal, esconderam-se atrás de uma suposta voz coletiva, dissimulando o

caráter autoritário/pessoal do seu discurso, utilizando-se para isso de expressões como: “fala-se”, “comenta-se”, “todos dizem que”, etc. Vejamos estes exemplos:

FSP- **Todos dizem que** os petroleiros devem acabar a greve para depois haver negociação, mas **ninguém diz que** duas greves já foram interrompidas com a mesma promessa de negociação e que, após a desmobilização do movimento, os representantes do governo se negaram a negociar.

OESP- **As mães que têm bebês apelam** ao sr. Vicentinho, presidente da CUT, para que deixe os funcionários da Petrobrás produzir gás de cozinha, para que elas possam esquentar as mamadeiras, de manhã cedo e à noite. O sr. Vicentinho deve continuar a greve nos setores de gasolina e óleo diesel - carros, motos, caminhões e ônibus podem parar que não matam ninguém de fome. Mas, compreenda, **os bebês sofrem por causa da greve** - e sofrem muito também os trabalhadores sem recursos. Sr. Vicentinho, tenha compaixão dos bebês e dos pobres que passam fome por falta de gás. Brigue com o governo, mas não deixe o pobre sofrer.

Uma conseqüência direta desta estratégia de persuasão é que pouco apareceram, nas cartas a respeito da greve dos petroleiros, verbos em primeira pessoa e pronomes de primeira pessoa. Da mesma forma que a identidade de quem ocupa o papel de enunciador não é marcada de maneira clara nas cartas a respeito da greve, também não aparecem de maneira explícita na superfície textual os outros discursos - marcados como sendo outros. Daí, a heterogeneidade do tipo marcado² não constituir uma característica desse conjunto de cartas. Mesmo assim, o discurso do outro termina aparecendo no texto devido a polifonia da linguagem, em especial através do recurso da ironia, como mostra o exemplo abaixo, que analisamos mais detalhadamente.

GLO- Reconheço: sou um traidor da pátria. Mas, antes de condenar a mim mesmo pelo crime hediondo de ser contra os monopólios estatais e sentenciar minha pena, gostaria que os verdadeiros patriotas, defensores das riquezas e soberania nacionais, me explicassem algumas coisas. Pelo menos, eu morreria feliz. Por que a Alemanha e o Japão, que não têm petróleo e foram ocupados por várias décadas por estes terríveis imperialistas, são hoje superdesenvolvidos e a maior ameaça aos EUA? Por que a Alemanha Oriental, libertada pelos generosos soviéticos e dirigida pelos socialistas (comunistas hoje é feio) faliu? Como nós vamos viver sem esse vício burguês do telefone? Como viveremos sem este terrível agente químico: o gás de cozinha? Como vamos viver sem gasolina, sem diesel, sem carros? Eu sei, isso é um vício burguês. Só não vale dizer que tudo isso não tem importância diante da resistência histórica e da possibilidade de dizermos para nossos filhos e netos: “Nós somos pobres, mas somos nobres. E essa riqueza toda inexplorada pertence a ti e a todos os brasileiros.”

Nesta carta, o locutor usa a ironia como estratégia discursiva para ridicularizar o discurso do outro. A conversa se transforma em um simulacro do diálogo interlocutivo na medida em que há uma falsa orientação do discurso em direção ao interlocutor. Quando o locutor traz a fala do outro para o interior de sua fala, é justamente para melhor demarcar as fronteiras entre as FDs. Essa demarcação se faz

² Jacqueline Authier Revuz (1982) estabelece uma distinção para o fenômeno da heterogeneidade. Ela propõe que a modalização heterogênea da enunciação funciona sob a articulação de dois planos: o da heterogeneidade mostrada e o da heterogeneidade constitutiva.

por um mecanismo de qualificação/desqualificação em que o discurso do locutor se enche de positividade e o do outro, de negatividade. O sujeito da enunciação, na realidade, manipula o discurso do outro no interior de sua FD, pois, sabendo o que pode e deve ser dito, articula seu discurso de modo a fazer prevalecer sua fala. O discurso do outro é ridicularizado pela obviedade dos argumentos que suspostamente sustenta.

Simula-se uma disputa pela verdade, mas, na realidade se quer é impor uma verdade. A escolha do verbo “reconhecer” sinaliza não mais que uma aparente aceitação das divergências, mas o fim visado é convencer o(s) outro(s) de que o melhor para o país é o fim do monopólio. A meta final é a adesão do(s) outro(s) ao discurso pró- privatização da Petrobrás.

Diferentemente dos exemplos destacados anteriormente, nas cartas cujo foco central eram os assuntos da esfera privada, o debate não se centrou na objetividade dos argumentos. Buscou-se, isto sim, a simpatia, a boa vontade do interlocutor. Assim, com relação aos temas religiosidade e sexualidade, as opções dos sujeitos não foram consideradas mutáveis com base em argumentos: ou era fé ou preferência.

Ao que parece, com relação aos temas homossexualidade de Zumbi e chute na santa, os leitores supunham não poder mudar a opinião do outro. Preocuparam-se bem mais em marcar sua própria posição. Daí ter sido, nesses dois conjuntos de cartas, mais freqüente o emprego de pronomes e verbos em 1ª pessoa para marcar a subjetividade no discurso. Por outro lado, também foi nesses dois conjuntos que a heterogeneidade apareceu de maneira marcada no texto, especialmente através do uso das aspas. Ou seja, os leitores deram visibilidade não apenas ao discurso que defendiam, mas também àqueles que lhes eram contrários, procurando delimitar bem as fronteiras que separavam um e outro para que não se confundissem. Tanto a subjetividade quanto a heterogeneidade apareceram explicitamente nestas cartas. Alguns exemplos:

FSP - **Venho desmentir, como africano que sou** e oriundo da tribo dos jagas, a mesma da qual Zumbi é descendente, as calúnias e difamações infundadas, que estão sendo atribuídas contra Zumbi.

GLO- O artigo da srª. Sandra Cavalcanti (22/10) foi um libelo contra os detratores de nossos símbolos e de nossa fé. O que mais me agradou foram seus conceitos de distinção entre o que **nós, católicos**, entendemos ser idolatria e culto. Em seis oportunidades explicou essa distinção e acrescentou: “Para nós, quem opera curas e restaura as almas é Nosso Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador”.

Podemos visualizar melhor tudo isso que foi exposto nos quadros a seguir:

Quadro 04 - Representação do sujeito no discurso

Greve dos petroleiros	Homossexualidade de Zumbi	Chute na santa
Voz impessoal, da coletividade	Voz pessoal, do indivíduo	Voz pessoal, do grupo
Nós 1 X Nós 2	Eu 1 X Eu 2	Eu 1 X Eu 2

Quadro 05- Efeito de subjetividade e heterogeneidade no discurso das cartas

	Greve petroleiros	Zumbi	Chute na santa
Pronomes e verbos em 1ª pessoa	menos freqüente	mais freqüente	mais freqüente
Heterogen. Mostrada	não marcada	Pouco marcada	bem marcada

A análise discursiva das cartas de leitores nos leva a concluir que, em relação à representação ou não da subjetividade e da heterogeneidade, os discursos que abordam temas de caráter público têm características textuais próprias e diferenciam-se dos discursos que abordam temas de caráter privado que, por sua vez, apresentam outros tipos de marcas textuais de efeitos no discurso. Portanto, efeito ou não de subjetividade e de heterogeneidade podem (pelo menos hipoteticamente) ser considerados marcas enunciativas que caracterizam o domínio do público e do privado.

Ao final, cabe perguntar até que ponto um gênero determina características do aspecto discursivo da estrutura dialógica. Se ninguém ensina, nem mesmo a escola, como escrever uma carta à redação, como pessoas diferentes realizam da mesma forma este gênero discursivo? O fato de todos realizarem os gêneros da mesma forma prova que há uma estabilidade, mesmo que pequena, que permite que isso ocorra. Ou seja, há operações discursivas regulares, rotinas e estratégias sociais muito próximas que fazem com que as pessoas sigam essas regularidades. No caso do *corpus* em análise, observamos que há um modelo para o gênero cartas à redação. E, mais especificamente, há estruturas discursivas diferenciadas quando se trata de assuntos da esfera pública e privada nas cartas.

Seria talvez interessante a análise de outros *corpora* no sentido de verificar se as diferentes esferas ou domínios discursivos demarcam práticas discursivas com características lingüísticas próprias, à semelhança do que verificamos nas cartas à redação.

BIBLIOGRAFIA

AUTHIER-REVUZ, J. (1982). "Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". In: **DRLAV**, v.26. pp. 91-151.

FOUCAULT, M. (1969). **Arqueologia do Saber**. Trad: L. F. Baeta Neves. Petrópolis: Ed.Vozes. (1971).

PÊCHEUX, M. (1969). "Análise Automática do Discurso (A AD-69). Trad: Eni Pulcinelli Orlandi. In: "Gadet, F. e Hak, T. (orgs). **Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp. pp.61-162. (1990).